

PROVA DE PORTUGUÊS – EFOMM 2007

Leia atentamente o seguinte texto:

Seca

Era hora do almoço dos trabalhadores. Enquanto os homens comiam lá dentro, o fazendeiro velho sentava-se na rede do alpendre, à frente de casa espiando o sol no céu, que tinha como vidro; procurando desviar os olhos da água do açude, lá além, que dentro de mais um mês estaria virada de lama.

Os dois cabras se aproximaram sem que ele pressentisse. Era um alto e um baixo; o baixo grosso e escuro, vestido numa camisa de algodãozinho encardido. O alto era alourado e não se podia dizer que estivesse vestido de coisa nenhuma, porque era farrapo só. O grosso na mão trazia um couro de cabra, ainda pingando sangue, esfolado que fora fazia pouco. E nem tirou o caco de chapéu da cabeça, nem salvou ao menos.

O velho até se assustou e bruscamente se pôs a cavalo na rede, a escutar a voz grossa e áspera, tal e qual quem falava:

– Cidadão, vim lhe vender este couro de bode. Aquele “cidadão”, assim desabrido, já dizia tudo. Ninguém chega de boa atenção em terreno alheio sem dar bom-dia. E tratando o dono da casa de cidadão. Assim, o fazendeiro achou melhor fingir que não ouvira $\frac{3}{4}$ e foi-se pondo de pé.

– O quê? Que é que você quer?

O homem escuro botou o couro em cima do parapeito e o sangue escorreu num fio pelo cal da parede:

– Estou arranchado com minha família debaixo daquele juazeiro grande, ali. Essa cabra passou perto – não sei de quem era. Matei, e a mulher está cozinhando a carne para comer. Agora, o couro – o senhor ou me dá dinheiro por ele, ou me dá farinha.

– E de quem é essa cabra? É minha? Quem lhe deu ordem para matar?

O velho estava tão furioso que o dedo dele, espetado no ar, tremia. E o loureba esfarrapado chegou perto e deu a sua risadinha:

– Ninguém perguntou a ela o nome do dono...

Mas o outro, sempre sério, olhou o velho na cara:

– Matei com ordem da fome. O senhor quer ordem melhor?

Nesse meio, os homens que almoçavam lá dentro escutaram as vozes alteradas e vieram ver o que havia. Eram uns doze – foram aparecendo pelo oitão da casa, de um em um, e se abriram em redor dos estranhos no terreiro.

Aí o velho se vendo garantido, começou a gritar:

– Na minha terra só eu dou ordem! Vocês são muito é atrevidos – me matarem o bicho e ainda me trazerem o couro pra vender, por desaforo! Chico Luís, veja aí de quem é o sinal dessa criação.

O feitor largou a foice no chão, puxou as orelhas do couro, e virou-se achando graça para um dos companheiros: era a sua cabrinha, não era mesmo, compadre Augusto? Está aqui o sinal...

O Augusto veio olhar também e ficou danado:

– Seus perversos, a cabra era da minha menina beber leite, estava cheia de cabrito novo!

Mas o olho do homem escuro era feio e, se ele se assustara vendo-se cercado pelos cabras da fazenda, não deu parença. O loureba é que virava a cara de um lado para outro, procurando saída; ainda levou a mão ao quadril, tateou o cabo da faca – mas cada um dos homens tinha uma foice, um terçado, um ferro na mão.

Nesse pé o fazendeiro, para acabar com a história, resolveu mostrar bom coração; e gritou para o corredor:

– Menina! Manda aí uma cuia com um bocado de farinha!

Depois, retornando ao homem:

– Eu podia mandar prender vocês, para aprenderem a não matar bicho alheio! Mas têm crianças, não é? Tenho pena das crianças! Leve essa farinha, comam e tratem de ir embora. Daqui a uma hora quero o pé de juazeiro limpo e vocês na estrada. Podem ir!

O homem recebeu a cuia, não disse nada, saiu sem olhar para trás. O outro acompanhou, meio temeroso, tirou ainda o chapéu em despedida, e pegou no passo do companheiro. O velho reclamava em voz alta – cabra desgraçado, além de fazer o malfeito, recebe o favor e nem sequer abana o rabo.

Os trabalhadores, calados, acompanhavam com os olhos os dois estranhos que marchavam um atrás do outro, na direção do juazeiro, do qual só se avistava a copa alta ali no terreiro. Ninguém sabe o que pensavam; o dono da cabra deu de mão no couro e foi com ele para trás da casa.

Aí a sineta bateu e os homens saíram para o serviço. Passando pelo juazeiro, lá viram a família ao redor do fogo, os meninos procurando pescar pedaços da carne que fervia numa lata. Mas o homem escuro, encostado ao tronco, via-os passar, de braços cruzados, sem baixar os olhos. Ainda foi o dono da cabra que baixou os seus; explicou depois que não gostava de briga.

MORALIDADE: Este caso aconteceu mesmo. Faz mais de trinta anos escrevi uma história de cabra morta por retirante, mas era diferente. Então, o homem sentia dor de consciência, e até se humilhou quando o dono do bicho morto o chamou de ladrão. Agora não é mais assim. Agora eles sabem que a fome dá um direito que passa por cima de qualquer direito dos outros. A moralidade da história é mesmo esta: tudo mudou, mudou muito.

QUEIROZ, Rachel de. Cenas brasileiras. São Paulo: Ática, 1997, p. 14-17. (Para gostar de ler).

Lido o texto, **observe atentamente** cada quesito e assinale somente **UMA** alternativa correta em cada questão.

21ª Questão:

Assinale a alternativa correta em que a palavra sublinhada se acentua por regra diferente das demais.

- (A) “Ninguém sabe o que pensavam...”
- (B) “...veja aí de quem é o sinal”.
- (C) “Está aqui o sinal ...”
- (D) “O velho até se assustou ...”
- (E) “Eu podia mandar prender vocês ...”

22ª Questão:

Todas as expressões sublinhadas se classificam como preposição ou locução prepositiva, **EXCETO**:

- (A) “O velho até se assustou e bruscamente ...”
- (B) “... o fazendeiro velho sentava-se na rede do alpendre, à frente de casa ...”
- (C) “...e a mulher está cozinhando a carne para comer ...”
- (D) “... recebeu a cuia, não disse nada, saiu sem olhar para trás...”
- (E) “Agora eles sabem que a fome dá um direito que passa por cima de qualquer direito dos outros.”

23ª Questão:

Assinale a alternativa em que está **INCORRETA** a função sintática do termo sublinhado.

- (A) “Cidadão, vim lhe vender este couro de bode.” (vocativo)
- (B) “O senhor quer ordem melhor?” (sujeito)
- (C) “O Augusto veio olhar também e ficou danado”. (predicativo do sujeito)
- (D) “Mas o outro, sempre sério, olhou o velho na cara.” (aposto)
- (E) “Agora não é mais assim.” (adjunto adverbial)

24ª Questão:

Assinale a alternativa em que a expressão sublinhada **NÃO** é sujeito da oração.

- (A) “Mas o homem escuro, encostado ao tronco, via-os passar de braços cruzado ...”
- (B) “Quem lhe deu ordem de matar ...”
- (C) “O alto era alourado e não se podia dizer que estivesse vestido de coisa nenhuma.”
- (D) “...escutaram as vozes alteradas e vieram ver o que havia ...”
- (E) “Ninguém sabe o que pensavam ...”

25ª Questão:

Assinale a alternativa em que seria possível a colocação de uma vírgula.

- (A) “E o loureba esfarrapado chegou perto e deu sua risadinha ...”
- (B) “— Ninguém perguntou a ela o nome do dono.”
- (C) “— Na minha terra só eu dou ordem!”
- (D) “O Augusto veio olhar também e ficou danado...”
- (E) “Mas o olho do homem escuro era feio...”

26ª Questão:

Diz-se pejorativo o que exprime sentido depreciativo, desfavorável ao referir-se a alguém ou alguma coisa. Essa atitude a autora tem com um dos personagens na passagem:

- (A) “Os dois cabras se aproximaram sem que ele pressentisse.”
- (B) “O velho até se assustou e bruscamente se pôs a cavalo na rede...”
- (C) “O feitor largou o foice no chão, puxou as orelhas do couro, e virou-se...”
- (D) “Mas o olho do homem escuro era feio e, se ele se assustara...”
- (E) “O loureba é que virava a cara de um lado para outro...”

27ª Questão:

A morte da cabra deixou o dono dela com raiva, porque

- (A) o animal, além de alimentar a filha dele, estava prenhe.
- (B) o animal, além de alimentar a filha dele, tinha muitos filhotes para amamentar.
- (C) o animal, além de alimentar a filha dele, cruzaria com um cabrito novo.
- (D) estava previsto o cruzamento do animal com um cabrito novo.
- (E) o animal servia para alimentar a filha dele, mas não gostava de cabrito novo.

28ª Questão:

“Mas o olho do homem escuro era feio e, se ele se assustara vendo-se cercado pelos cabras da fazenda, não deu pareença.” Sobre a passagem sublinhada pode-se dizer, em outros termos, que

- (A) se ele tinha se assustado ao se ver cercado pelos homens, não deixou transparecer.
- (B) se ele teria assustado-se por se ver cercado pelos homens da fazenda, não deixou transparecer.
- (C) caso ele tenha se assustado ao se ver cercado pelos homens da fazenda, não deixou transparecer.
- (D) se ele tinha assustado-se ao se ver cercado pelos homens da fazenda, não deixou transparecer.
- (E) caso ele tivesse se assustado por se ver cercado pelos homens da fazenda, não deixou transparecer.

29ª Questão:

O texto de Raquel de Queirós defende a tese de que

- (A) o direito à propriedade privada se sobrepõe ao da transgressão.
- (B) não cabe a um cidadão, ainda que faminto, a prática de um crime.
- (C) não é relevante denunciar a fome que passa o cidadão brasileiro.
- (D) a alienação do cidadão brasileiro perdura há décadas.
- (E) a fome garante ao cidadão um direito maior que o da propriedade privada.

30ª Questão:

Assinale a alternativa em que está **INCORRETA** a análise sintática do termo sublinhado.

- (A) “O velho estava tão furioso que o dedo dele, espetado no ar, tremia.” (oração subordinada adverbial consecutiva)
- (B) “O Augusto veio olhar também e ficou danado...” (oração coordenada sindética aditiva)
- (C) “Chico Luís, veja aí de quem é o sinal...” (oração subordinada adjetiva restritiva)
- (D) “Aí o velho se vendo garantido, começou a gritar...” (objeto direto)
- (E) “O loureba é que virava a cara de um lado para outro, procurando saída...” (oração principal)

31ª Questão:

Nos períodos seguintes, as expressões sublinhadas se classificam como numerais. A **EXCEÇÃO** encontra-se na alternativa:

- (A) “Faz mais de trinta anos escrevi uma história de cabra morta por retirante...”
- (B) “Eram uns doze - foram aparecendo pelo oitão da casa...”
- (C) “Os dois cabras se aproximaram sem que ele pressentisse...”
- (D) “O loureba é que virava a cara de um lado para o outro...”
- (E) “Daqui a uma hora quero o pé de juazeiro limpo...”

32ª Questão:

“... e gritou para o corredor:

– Menina, manda aí uma cuia com farinha!”

Assinale a alternativa correta na transposição da fala do personagem para o discurso indireto.

- (A) “... e gritou para o corredor que a menina mandasse daí uma cuia com farinha.”
- (B) “... e gritou para o corredor que a menina mandasse de lá uma cuia com farinha.”
- (C) “... e gritou para o corredor que a menina mandasse daqui uma cuia com farinha.”
- (D) “... e gritou para o corredor que a menina mandasse aí uma cuia com farinha.”
- (E) “... e gritou para o corredor que a menina mandasse lá uma cuia com farinha.”

33ª Questão:

“Era hora do almoço dos trabalhadores. Enquanto os homens comiam lá dentro, o fazendeiro velho sentava-se na rede do alpendre, à frente de casa espiando o sol no céu, que tinha como vidro...”

Essa passagem, segundo a tipologia textual, é um exemplo de seqüência

- (A) expositiva.
- (B) dissertativa.
- (C) descritiva.
- (D) argumentativa.
- (E) narrativa.

34ª Questão:

Assinale a forma verbal que se distingue das demais quanto à transitividade verbal.

- (A) “Este caso aconteceu mesmo.”
- (B) “Enquanto os homens comiam lá dentro”.
- (C) “... no céu que tinha como vidro...”
- (D) “E o loureba esfarrapado chegou perto...”
- (E) “O homem escuro botou o couro em cima do parapeito...”

35ª Questão:

Assinale a alternativa correta que apresenta um predicado verbal.

- (A) “Daqui a uma hora quero o pé de juazeiro limpo.”
- (B) “Mas o olho do homem escuro era feio e...”.
- (C) “Menina! Manda aí uma cuia com um bocado de farinha!”
- (D) “Os trabalhadores, calados, acompanhavam com os olhos os dois estranhos...”
- (E) “O outro acompanhou, meio temeroso...”

36ª Questão:

“Quem lhe deu ordem para matar?”

Destas orações, assinale a alternativa correta que apresenta a mesma transitividade do verbo acima em destaque.

- (A) “Na minha terra só eu dou ordem...”
- (B) “...o dono do bicho morto o chamou de ladrão...”
- (C) “Ninguém perguntou a ela o nome do dono...”
- (D) “... lá viram a família ao redor do fogo...”
- (E) “... foi com ele para trás da casa...”

37ª Questão:

“Aquele cidadão assim desabrido já dizia tudo...”

Essa afirmativa significa que

- (A) o fazendeiro se sentiu honrado em ser considerado um “cidadão” pelo cabra escuro.
- (B) o velho fazendeiro assim se referiu ao cabra alto.
- (C) os dois cabras trataram com grande respeito o seu patrão.
- (D) o fazendeiro se sentiu assustado com a aspereza do tratamento.
- (E) o cabra alto reverenciou o velho fazendeiro.

38ª Questão:

Dentre as alternativas abaixo, assinale a que **NÃO** se pode deslocar o pronome átono.

- (A) “Aí o velho se vendo garantido, começou a gritar...”
- (B) “Os dois cabras se aproximaram sem que ele pressentisse.”
- (C) “– Cidadão, vim lhe vender este couro de bode.”
- (D) “...marchavam um atrás do outro, na direção do juazeiro, do qual só se avistava a copa...”
- (E) “O feitor largou a foice no chão, puxou as orelhas do couro, e virou-se achando graça...”

39ª Questão:

Dentre as expressões sublinhadas abaixo, a que se analisa como adjunto adverbial de tempo encontra-se na alternativa:

- (A) “Na minha terra só eu dou ordem...”
- (B) “O velho até se assustou e bruscamente se pôs a cavalo na rede...”
- (C) “Nesse meio, os homens que almoçavam lá dentro escutaram as vozes alteradas...”
- (D) “O velho estava tão furioso que o dedo tremia...”
- (E) “Estou arranchado com a minha família debaixo daquele cajueiro...”

40ª Questão:

“Assim, o fazendeiro achou melhor fingir que não ouvira 3/4 e foi-se pondo de pé.”
Essa afirmação significa que o fazendeiro

- (A) entendeu o dito pelo cabra e se levantou.
- (B) fingiu não ouvir a maior parte do que fora dito pelo cabra.
- (C) não conseguiu ouvir o que falara o cabra.
- (D) não entendeu uma boa parte da fala do cabra.
- (E) mostrou ao cabra que ouvira quase toda a sua fala.